

Introdução

Cada vez mais a reflexão sobre o homem tem ocupado a atenção dos mais variados ramos da ciência e da sociedade. Então podemos dizer que trata-se de um assunto de interesse comum entre a sabedoria secular e a sabedoria cristã. Isto se dá porque aparentemente pode-se até tentar ignorar Deus ou mesmo ignorar outras questões acerca do mundo, o que não é possível fazer sobre a realidade humana que está sempre despertando a atenção do homem para sua complexidade. Desta forma percebemos com relativa facilidade que também na abordagem teológica moderna a realidade humana tem recebido grande atenção, fazendo com que sua fundamentação consista cada vez mais numa visão sobre o homem.

O presente estudo está dentro desse campo de interesse, pois se configura numa tentativa de compreender um pouco mais a realidade humana ao refletir sobre uma doutrina fundamental da fé cristã que é a imago Dei, que trata do status da criação do homem e da sua posição na natureza. Faremos nossa reflexão sobre esse tema capital da fé a partir da antropologia teológica do renomado pensador alemão Wolfhart Pannenberg. Vale ressaltar ainda que a imago Dei é um dos temas mais ambíguos da reflexão teológica cristã e na história vemos-la utilizada com sentidos diferentes. De modo que alguns chegaram ao ponto de sugerir a sua retirada do vocabulário teológico, por conta de sua tão diversificada interpretação.

Sendo assim, diante de um tema tão complexo, antes de iniciarmos nossa pesquisa sobre a imago Dei a partir da antropologia pannenberguiana, faremos um percurso histórico, visando compreender um pouco como foi o desenvolvimento desse tema na história do pensamento cristão, o que nos dará os subsídios necessários para entender com mais clareza a sua abordagem na antropologia de Pannenberg e aprofundar o seu conteúdo.

Este trabalho foi elaborado em quatro capítulos que procuram sistematizar o tema da imago Dei na visão antropológica de Wolfhart Pannenberg. Para isso no seu primeiro momento exporemos informações sobre sua vida, alguns fatos que tiveram tremenda importância na sua reflexão teológica, como foi a sua participação no círculo de Heidelberg. Veremos também um pouco de sua

trajetória acadêmica e sua vasta produção literária. Também neste momento que traz informações introdutórias sobre Pannenberg, elencaremos algumas linhas características de sua teologia. Falaremos sobre qual é na sua visão a tarefa da reflexão teológica, seus pontos focais, sua concepção de Deus, o postulado da revelação como história e outras características que nos ajudam a ter uma visão panorâmica do seu pensamento e nos familiarizar com sua teologia.

No segundo capítulo faremos um percurso histórico, iniciando pelo período da Patrística, que consiste nas primeiras gerações de homens comprometidos com o Evangelho que se lançaram no desafio de responder às questões de sua época baseando-se na fé cristã. Assim trouxeram uma reflexão relevante sobre o tema da imago Dei, que influenciou todo o pensamento posterior. Nesse período surgiram os três centros de reflexão teológica da Igreja Cristã primitiva, escolas que tiveram pensadores de grande quilate como Irineu e Agostinho.

Seguindo nosso percurso pela história do pensamento cristão, examinaremos um pouco a abordagem feita pela Escolástica Latina, que teve como seus representantes em nossa pesquisa dois pensadores, Boaventura e Tomás de Aquino, que seguiram em parte a linha agostiniana, e que devido à influência da filosofia aristotélica trouxeram algumas novidades para o tema da imago Dei.

Depois veremos como ele foi abordado pelos reformadores protestantes, como Lutero e Calvino, que se diferenciaram da compreensão católico-romana corrente em sua época. Porque eles rejeitaram a concepção escolástica de uma graça suplementária, o que resultou na compreensão dos termos imagem e semelhança como sinônimos, além de conduzi-los à uma postura muito negativa a respeito da condição do homem depois da queda devido à perda da imagem divina.

Vencendo a etapa da reforma, chegaremos ao período contemporâneo em que os teólogos se aglutinaram mais por suas posturas do que pela pertença a uma tradição religiosa. Nessa etapa de nossa pesquisa seguiremos a classificação feita por Battista Mondin que, inspirado no Concílio de Calcedônia, dividiu a abordagem moderna em três ramos antropológicos: minimalista, moderado e maximalista. Esta última é assumida pela maioria dos teólogos atuais dos quais faz parte também nosso autor.

No terceiro capítulo abordaremos os pressupostos antropológicos e teológicos da antropologia de Pannenberg. Veremos como ele compreende a criação humana expressa pelo relato sacerdotal como uma criação segundo a imagem divina, que determina tanto a posição de destaque do homem em relação ao restante da criação e também suas características ontológicas. Tais características concebidas por ele na união do corpo e da alma como duas dimensões do ser humano que não podem ser desprezadas e nem desvinculadas e também na sua abertura ao mundo que é a base da sua interação com a realidade que o cerca. Então aprofundaremos a relação dessas características ontológicas com os seus pressupostos teológicos, que são os princípios teológicos que guiam sua visão do homem.

Então em primeiro lugar veremos claramente a diferença do pensamento de nosso autor em relação à dogmática clássica protestante, que concebe o estado inicial do homem como um estado de perfeição. Nessa questão também ficarão explícitos dois desdobramentos importantes na releitura que ele faz do relato de Gênesis. Primeiro é a sua ênfase cristológica, pois Pannenberg, ao seguir os passos de Irineu, não compreende o homem e sim Jesus Cristo como a verdadeira imagem de Deus. Em segundo lugar porque essa ênfase cristológica também o faz compreender que o homem será transformado pelo Espírito na imagem de Cristo que é a imagem-modelo.

Outro pressuposto de nosso autor é a miséria decorrente do pecado que aliena o homem de seu destino. Tal realidade que é fruto do fechamento do homem em relação a Deus faz com que ele viva numa condição aquém da finalidade divina para sua vida. Porque a idéia do destino do homem à comunhão com Deus desenvolvida pela teologia cristã está em conexão com a afirmação bíblica de sua criação segundo a imagem divina.

Veremos ainda no terceiro capítulo que o movimento retilíneo do homem até Deus se dá dentro de sua história pessoal. O que faz com que o entendamos como um ser inacabado, um ser em devir que a partir das coisas finitas chega ao infinito. Desta forma nosso autor compreende que o homem tem sua humanização plasmada a partir de sua história pessoal que se dá com o auxílio da providência divina.

Em seguida veremos que Jesus Cristo realiza prolepticamente no mundo o futuro do homem. Pois mesmo ao viver a auto-distinção em relação ao Pai não se

fechou no egocentrismo, mas viveu concretamente a abertura a Deus e ao mundo. Ao abordarmos os pressupostos antropológicos e teológicos mencionaremos brevemente algumas questões que serão aprofundadas no último capítulo de nosso trabalho.

Assim, no quarto capítulo trataremos propriamente a doutrina da imago Dei no pensamento de nosso autor. Veremos que para ele a abordagem da criação, não pode ser desconectada da existência de Jesus, devendo a reflexão cristã levar sempre em consideração as afirmações veterotestamentárias à luz das neotestamentárias. Seguindo essa compreensão de nosso autor, na primeira parte do quarto capítulo aprofundaremos os significados teológicos das características ontológicas do homem, ou seja, qual a relação de tais características com a sua imagem divina. Veremos que ele é realmente uma criatura ímpar, realidade perceptível nas suas peculiaridades que são: sua estrutura biológica, sua complexidade, suas capacidades diversas e sua liberdade em interagir com o mundo que o cerca.

O fato de ser imagem de Deus dá ao homem a condição de conhecer a si mesmo e conhecer o mundo que o cerca, ou seja, de ser transcendental. Observaremos que a imago Dei é compreendida por nosso autor em parte do natural e em parte da possibilidade existencial. Isto porque é a partir de suas características ontológicas que a providência divina faz com que ele, através do finito que o cerca, se ponha em comunhão com seu Criador. Assim, na leitura que Pannenberg faz dos testemunhos vetero e neotestamentários entendendo o homem como a imagem-cópia, as suas características ontológicas lhe dão condição de seguir o exemplo de Jesus Cristo sendo capaz de alcançar a comunhão com Deus.

Ainda neste capítulo examinaremos a ênfase cristológica que Pannenberg dá ao tema da imago Dei, sempre vinculada a vida de Jesus. Nesta questão veremos que além de ser a verdadeira imagem de Deus, Jesus viveu neste mundo a partir de sua condição filial. Assim, quando o Filho preexistente assumiu a natureza humana e abriu-se para Deus, exerceu corretamente e plenamente a capacidade do homem de auto-distinguir-se d'Ele e também a importância do Logos, como o capacitador do homem para que ponha em andamento sua abertura.

E por fim veremos que Pannenberg aprofunda a dimensão do amor no plano salvífico de Deus que se concretiza na encarnação de Jesus, pois nela Jesus vence o poder do pecado e da morte, vitória que se comprova na ressurreição. Através

dela Jesus dá ao homem condição de participar da própria realidade de Deus e do seu amor para com o mundo, pois para a compreensão paulina é na ressurreição que se manifesta a vida imperecível de Jesus. Pelo fato de estar presente na criação e na salvação há uma ação ininterrupta do Espírito, pois para Paulo o Espírito de Deus é o Espírito do amor de Deus, manifestado na missão de Jesus, especialmente na morte de Jesus Cristo pelos pecadores. Podemos concluir a relevância salvífica da encarnação de Jesus com as palavras do Evangelista João: Deu-lhes o poder de serem chamados filhos de Deus (Jo 1,12). Veremos agora alguns dados biográficos da vida de Pannenberg.

1.1.

Vida

Estamos diante de um pensador que teve um contato próximo com renomados pensadores do século vinte, um bom exemplo disso é o fato que Pannenberg se hospedou por um período na Basileia somente para estudar com Karl Barth e com K. Jaspers¹. Além disso, não poderíamos esquecer os renomados professores de Heidelberg, dentre os quais figuram o grande exegeta Gerhard von Rad na área do Antigo Testamento e o historiador Hans Von Campenhausen que lecionava história da Igreja; podemos dizer que esses pensadores o influenciaram decisivamente.

Wolfhart Ulrich Pannenberg nasceu em 1928 numa cidade chamada Stettin, que ficava no nordeste da Alemanha e atualmente faz parte da Polônia, recebeu uma boa educação típica de uma família de classe média. Viveu durante a Segunda Guerra Mundial, o que fez que lhe fosse exigido pelo III Reich o dever pegar em armas para defender a pátria alemã; sua vida só não foi ceifada por causa de uma enfermidade que fez com que ele fosse dispensado².

Sua aproximação à fé cristã se deu por intermédio de um professor do Gimnasium, que devido a sua postura lhe causou grande impressão, pois nessa época Pannenberg não via o cristianismo com bons olhos, mas aquele professor

¹ ACORDINI, Giuseppe. Wolfhart Pannenberg. São Paulo: Loyola, 2006, p. 17.

² Ibidem, p. 16.

mudou a sua visão da fé cristã. Por conta disso, pouco tempo depois ele começou a estudar teologia e filosofia, dando início a sua caminhada cristã e teológica³. Ainda na sua juventude teve uma forte experiência com Jesus, uma experiência que o marcaria para toda a vida, visto que ela imprimiu em Pannenberg a convicção de que naquele momento Jesus se apropriara de sua vida⁴.

Esse fato aconteceu num fim de tarde enquanto voltava para casa, ao passar pela floresta, viu uma luz distante que o atraiu. Seguindo-a, chegou a um determinado ponto em que foi inundado por ela. Esse episódio foi tão relevante que Pannenberg baseia a sua chamada vocacional nele, constituindo no fundamento da grande importância que o ministério pastoral tem na sua vida. Essa experiência que lhe deu um profundo senso de chamada ministerial fez com que, no ano de 1955, Pannenberg entrasse para a vida sacerdotal. Devido a sua marcante experiência na floresta e seu forte amor pelo ministério pastoral ao olharmos para Pannenberg e sua reflexão, devemos enxergar mais que alguém simplesmente preocupado com a academia. Mas, alguém profundamente apaixonado pelo trabalho pastoral a ponto de orientar e incentivar seus colegas pastores a uma exposição respeitosa do texto sagrado.

Também não podemos deixar de elencar aqui duas observações sobre nosso teólogo, a primeira é que é injusto falar do teólogo Wolfhart Ulrich Pannenberg sem fazer menção a sua esposa Hilke Schütte, visto que ela compartilhou de praticamente toda a sua caminhada teológica. A segunda é sua grande fé no ecumenismo, que fez dele um incansável soldado na luta em prol da unidade da Igreja. De acordo com a sua convicção a unidade é a única maneira que a Igreja pode se dirigir com credibilidade à sociedade secular mostrando a temporalidade das instituições humanas, antes da vinda do Reino de Deus⁵.

1.2.

Trajetória Acadêmica

³ GRENZ, S. J. & OLSON, R., A Teologia do Século XX, Ed. Mundo Cristão, Cambuci, 2003, p. 223.

⁴ Ibidem, Loc. Cit.

⁵ Ibidem, Loc. Cit.

Vejam agora a trajetória acadêmica Pannenberg (1928 -) que é amplamente aceito como um dos maiores teólogos vivos da atualidade, um erudito que há décadas tem uma vida acadêmica fecunda⁶. Vale ressaltar que Pannenberg realizou seus estudos teológicos em importantes centros teológicos da Europa como Berlim, Gottingen, Basilea e Heidelberg, onde em 1953 conseguiu sua láurea em teologia e pouco tempo depois em 1955 a livre docência na área de teologia sistemática. Já no ano de 1956 ele começou a lecionar na Universidade de Heidelberg como professor de teologia sistemática, período em que também escreveu alguns artigos.

Em 1958 tornou-se professor na Escola Superior Eclesiástica de Wuppertal, trabalhando por um tempo razoavelmente curto ao lado do renomado teólogo Jürgen Moltmann. Saindo de Wuppertal foi lecionar em 1961 na Universidade de Mogúncia, ano que foi decisivo para o reconhecimento de sua carreira teológica, porque foi nele que Pannenberg publicou o artigo: **Offenbarung als Geschichte** “Revelação como História”, escrito que trouxe uma novidade na interpretação da revelação divina e fomentou um amplo debate no ambiente acadêmico. Tão grande foi a magnitude desse debate que rompeu os limites territoriais da Alemanha e do continente europeu, chegando algum tempo depois aos Estados Unidos da América.

Mogúncia não seria ainda a sua parada, pois iria lecionar por um período em universidades norte-americanas. No ano de 1963 lecionou na Universidade de Chicago, em 1966 na de Universidade de Havard e por fim e pouco antes de retornar para Alemanha no ano de 1967 lecionou na Claremont School of Theology. Ainda no ano de 1967 tornou-se professor de teologia sistemática na Universidade de Munique da Baviera na recém-criada Faculdade de Teologia Evangélica. Nessa época Pannenberg assumiu, concomitantemente com a função de professor na Universidade de Munique, o cargo de diretor do *Instituto Ecumênico de Pesquisa* da mesma cidade.

Seu brilhantismo intelectual e seu empenho ecumênico fizeram com que fosse escolhido para ocupar uma função de grande envergadura, sendo o responsável da parte luterana pela coordenação de uma equipe de teólogos que em 1985 apresentou o estudo de revisão dos anátemas do século XVI. Este breve

⁶ ACORDINI, G. Op. Cit., p. 11.

relato da trajetória acadêmica de Pannenberg nos dá condição de compreender que desde o início de sua carreira ocupou posições relevantes no âmbito acadêmico, sendo muito requisitado e também desempenhou funções importantes no contexto inter-eclesiástico mundial.

1.3.

Obras

De acordo com Giuseppe Accordini a bibliografia primária de Pannenberg já no ano de 1996, contabilizava mais de 550 títulos⁷. Vale ressaltar que em sua vasta produção acadêmica ele aborda vários temas da teologia tais como: cristologia, teologia fundamental, teologia moral, teologia prática, teologia espiritual e ecumenismo. Recentemente foi publicada a síntese de seu pensamento num compêndio de três volumes de Teologia Sistemática.

1.4.

Círculo de Heidelberg

Antes de falarmos sobre o círculo de Heidelberg, mencionaremos uma relevante observação que Giuseppe Accordini faz no seu livro sobre Pannenberg, pois ela, ao situá-lo no contexto teológico do século vinte, ajuda-nos a compreender melhor a sua postura teológica. Accordini frisa sobre a importância de atentarmos para três gerações de teólogos que se sucederam no século XX, a partir da forma como elas desenvolveram teologicamente o tema da história.

A primeira geração teológica foi a da *Teologia Dialética*⁸, que numa atitude à reacionária à teologia liberal ficou marcada pela postura da defesa da super-

⁷ Ibidem, Loc. Cit.

⁸ A principal característica do pensamento de Karl Barth em relação à Revelação, esta contido na máxima: “**O Deus totalmente outro**”. Com isso ele rompeu com a Teologia Liberal. Seu

historicidade da Revelação e da fé, ou seja, uma visão altamente negativa da história como meio de revelação divina. A segunda é a *Teologia Existencialista*, que assumiu uma postura mais equilibrada, sendo aberta para as perspectivas da historicidade subjetiva (filosofia existencial) e objetiva (nova hermenêutica). A terceira geração é a da *Teologia da História*, que tem como pressuposto a *Revelação como História*⁹.

Essa terceira geração está diretamente ligada ao famoso círculo de Heidelberg (Heidelberger Kreis), movimento que teve uma decisiva participação de Pannenberg, tão forte foi sua participação que esse círculo de estudiosos entrou para história também como círculo de Pannenberg. A postura dessa geração é mais audaciosa que a de sua geração anterior e diametralmente oposta à primeira geração, postulando a historicidade do real e da Revelação e assim afirmando que Deus se revela indiretamente nos fatos históricos.

Os trabalhos do círculo de Heidelberg começaram a partir da década de 1950 através das frequentes reuniões de um grupo de estudantes de várias disciplinas teológicas, formado por mestrados e doutorandos a que logo se juntou Pannenberg¹⁰. Foi a partir do trabalho conjunto desse grupo de teólogos, que se realizou um congresso no ano de 1960 que publicou um manifesto programático intitulado: *Revelação como História*. Na área de ciências bíblicas desse manifesto colaboravam Rolf Rendtorff e Ulrich Wilckens e na área de ciências históricas Trutz Rendtorff e Wolfhart Pannenberg¹¹.

As linhas fundamentais do pensamento do círculo eram: entender a revelação como auto-revelação, revelação histórica e revelação no contexto da história universal buscando dar uma resposta aos problemas levantados pelo iluminismo, conforme o próprio Pannenberg diz na conclusão da discussão americana. O círculo de Heidelberg submeteu a instância da autoridade da

aparecimento no cenário teológico se inicia com a publicação de: **Der RömerBrief**, obra que caiu como uma bomba no mundo de sua época, em que ele mostra seus posicionamentos acerca da revelação divina, referindo-se a Deus como: “o totalmente outro”, reagindo assim a teologia natural, que tinha a ambição, de através da razão subir até Deus.

⁹ ACORDINI, G. Op. Cit., p. 13.

¹⁰ GRENZ, S. J. & OLSON, R., Op. Cit., Loc. Cit.

¹¹ GIBELLINI, R., **A Teologia do Século XX**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 271.

revelação à crítica, produzindo um deslocamento no foco da teologia da palavra para a história.

1.5.

Linhas Gerais da Teologia de Pannenberg

Antes de vermos algumas características do pensamento teológico de Pannenberg relembremos que não é nosso intuito aqui aprofundarmos no conteúdo deles, pois nosso intuito é somente ter uma visão panorâmica da teologia de nosso autor e por conta disso não nos preocuparemos em tratar de todos os traços de seu pensamento:

- **Revelação como História**, para Pannenberg uma conclusão só pode se sustentar se ela passar pelo crivo da razão, sendo então necessária a articulação de uma sólida fundamentação intelectual. Assim ele rejeita toda e qualquer tentativa de endossar conclusões teológicas em decisões subjetivas de fé, fruto da sua privatização que fica restrita somente ao nível da devoção pessoal. Um dos motivos desse seu posicionamento é o fato que hoje em dia a religião é na maioria das vezes vista como algo irracional. Nessa questão de uma possível irracionalidade da fé cristã e da revelação somente como algo supranatural, pode-se falar da historicidade da revelação divina a partir da manifestação de Deus na história do povo de Israel por meio de seus atos que lhe causaram experiência¹². Pannenberg por conta dessa visão entende que Deus, à medida que se revela, está no mundo, pois a história consiste na sua ação sobre a criação¹³. Porém, não se pode pensar que há no pensamento de Pannenberg uma super-valorização da razão, isto porque no seu ponto de vista também o instrumental da razão deve ser entendido como limitado, visto que nem tudo pode ser compreendido neste

¹² ROBINSON, J. M. & COBB, J. B. (Ed.), *New Frontiers in Theology. Discussions among continental and american theologians*. Vol. III, in: *Theology as History*, New York, Evaston and London: Harper & Row, 1965, p. 119.

¹³ PANNENBERG, W., *Fé e Realidade*. São Paulo, Novo Século, 2004, p. 114.

tempo estando muitas coisas reservadas ao futuro quando a verdade será totalmente compreensível.

- **Ontologia Escatológica**, Pannenberg enxerga Deus como a realidade que determina todas as coisas, assim o futuro tem uma importância crucial em sua teologia. Para ele a realidade presente está totalmente vinculada ao seu destino futuro que é possibilitado a partir da ação divina que a direciona para a razão porque o mundo foi criado¹⁴. Por isso na sua reflexão é no “eschaton” que a realidade atual será plenamente realizada, mas o caráter futuro e definitivo de toda a criação se fez presente na história de Jesus, porque n’Ele está o futuro definitivo do Reino de Deus¹⁵.
- **Função Pública**, para Pannenberg a ciência teológica tem a função de prover consistência racional à fé cristã, e para isso ela deve se entender como uma disciplina pública relacionada à busca da verdade universal¹⁶. Uma função que segundo ele, deve servir para mudar o rumo da teologia contemporânea e conduzir à superação da privatização da crença religiosa feita pela teologia após o *Iluminismo*, quando ela substituiu a visão de um testemunho autoritário do conhecimento histórico ensinado por Agostinho e Lutero, pelas conclusões científicas. Então, para não depender do endosso da pesquisa histórica, a teologia deslocou o fundamento da fé dos acontecimentos históricos e passou a colocá-lo sobre a experiência subjetiva da conversão¹⁷. Diante dessa tendência da teologia pós-iluminista, Pannenberg relembra a afirmação de Lutero que a fé não pode ser derivada de si mesma, mas somente além de si mesma, ou seja, em Cristo, o que endossa a função pública da teologia mostrando que para tanto a fé é dependente de uma base histórica como fundamento da verdade.
- **Razão e Esperança**, para ele por causa de sua função a teologia precisa voltar a dois pontos focais: razão e esperança. Isso significa que todo seu exercício racional deve se orientar para no futuro “eschaton”, ou seja, estar vinculado à vida e morte de Jesus, o que nos garante essa participação

¹⁴ GRENZ, S. J. & OLSON, R., Op. Cit., p. 237.

¹⁵ PANNENBERG, W., Teologia y Reino de Dios. Salamanca: Sigueme, 1974, p. 116.

¹⁶ ZEUCH, M., A Teologia na Universidade do Século XXI Segundo Wolfhart Pannenberg, Vol. I, São Leopoldo: UNISINOS, 2006, p.14.

¹⁷ GRENZ, S. J. & OLSON, R., Op. Cit., Loc. Cit.

futura¹⁸. Por conta disso, o conceito Reino de Deus tem grande relevância para o seu sistema teológico significando a realização plena do senhorio final de Deus sobre a criação, senhorio já introduzido na história com a vinda de Jesus.

- **Concepção Cristã de Deus**, Pannenberg nessa questão segue a tradição clássica afirmando que a teologia sistemática como um todo é essencialmente a doutrina de Deus. Para ele a doutrina da Trindade é um diferencial em relação às demais religiões e consiste no centro da concepção cristã de Deus, pois na fé cristã a doutrina da Trindade revela o caráter relacional do ser pessoa, ou seja, a realidade de dependência mútua que mostra que ser pessoa é dar a si mesma para outra, a partir de uma forte idéia de dependência¹⁹.
- **Transcendência e Imanência**, para Pannenberg Deus não se reduz a uma mente porque Ele é um campo dentro do qual a criação e a história existem. Por isso Pannenberg se preocupa em desenvolver uma pneumatologia que seja mais ampla e mais bíblica e possibilite alcançar uma chave para a compreensão da transcendência e imanência divina. Desta forma ao falar de pneumatologia ele fala também de Trindade e economia salvífica, visto que ela é o fundamento da revelação divina porque a relação do Filho com o Pai é mediada pelo Espírito²⁰. Além disso, na sua compreensão o Espírito é o agente responsável pela elevação das criaturas acima de seu ambiente sendo ele mesmo quem dá a direção para o futuro, ou seja, conduz a auto-transcendência, pois é da ação imanente do Espírito que surge a transcendência.
- **Jesus como Filho**, acabamos de ver que a relação entre Deus e o mundo na compreensão de Pannenberg está direcionada para o futuro. Além disso, esse futuro entra radicalmente na história através da vida de Jesus, visto que Ele experimentou dentro da História a transformação escatológica à qual toda a humanidade desde a sua criação está destinada, a comunhão com

¹⁸ PANNENBERG, W., Fé e Realidade, p. 100.

¹⁹ PANNENBERG, W., Filosofia e Teologia. Tensões e convergências de uma busca comum. São Paulo: Paulinas, 2008, p.43.

²⁰ PANNENBERG, W., Teologia Sistemática, Tomo I, Madrid: Universidade Pontificia Comillas de Madrid, 1996, p. 355. A partir da presente citação, quando nos referirmos a um dos volumes desta obra indicaremos o autor, página e o seu título abreviado por **TS1**, **TS2**.

Deus. Porque Jesus veio promover a reconciliação entre Deus e o homem e só pôde fazer isto a partir da missão que o próprio Pai o mandou cumprir de viver uma vida referida a Ele, dessa forma Jesus se constituiu no lugar do encontro da essência divina e humana²¹.

- **A Revelação e a Bíblia**, na teologia protestante a Bíblia é o depósito autoritário da revelação divina, no entanto Pannenberg vê a religião de Israel como a tradição que dá origem à Bíblia. Dando grande importância à história das religiões, ele afirma não ser mais sensato que se requeira uma autoridade inquestionável da Bíblia, sugerindo que sua autoridade deva ser vista como um objetivo e não como pressuposto.
- **Revelação e Espírito**, segundo alguns críticos esse é um ponto de difícil compreensão na teologia Pannenberg, por causa da grande ênfase que ele dá à revelação como história. Pois a afirmação da salvação como história e a sua compreensão por meio da razão faz parecer irrelevante o papel do Espírito Santo, no processo epistemológico de apropriação da revelação²².

Do que elencamos sobre a teologia de Pannenberg, podemos frisar que ela é fortemente marcada pelo postulado da *Revelação como História*, que advoga a perceptibilidade da ação divina na história concreta, ação que está estreitamente vinculada ao destino para o qual Deus fez toda a criação. O que faz com que ele ressalte a dimensão provisória do estado atual da realidade apontando para o seu estado futuro.

²¹ PANNENBERG, W., Fundamentos de Cristologia, Salamanca: Sigueme, 1974, p. 428.

²² GRENZ, S. J. & OLSON, R., Op. Cit., Loc. Cit.